

**Sobre a construção de uma forma alternativa de *olhar***  
**- Breve nota a propósito dos bairros tidos como *problema* -**

Seja nos jornais, escritos ou televisivos, ou no discurso de todos os dias, as imagens produzidas sobre determinados conjuntos habitacionais, como os *bairros* ditos «sociais» ou os núcleos habitacionais antigos e (mais ou menos) *desqualificados* das cidades, não escapam com grande regularidade a um profundo fechamento identitário normalmente rematado com um conclusivo: “ali são todos iguais”. Sempre que surge mais uma ou outra «crise» social e política, rapidamente se associa a *igualdade* previsível daqueles que *ali vivem* a um carácter inevitavelmente *problemático* e obrigatoriamente *perigoso*.

O observador social atento, o interventor territorial e os habitantes destes mesmos contextos - mesmo aqueles que vivem nos locais tidos como mais *difíceis* -, não deixarão de experimentar perante este tipo de imagens, no mínimo, algum desconforto. E isto porque dificilmente tais imagens correspondem a um retrato fiel ou completo da realidade. Não se sustenta desta forma que os problemas não existam ou que a vida em muitos bairros não seja difícil. O que se quer sustentar é a circunstância de nem sempre a *igualdade* perante os problemas e perigos ser uma característica social universal passível de nestes ser encontrada, residindo, precisamente nessa ausência de igualdade um dos patrimónios locais mais valiosos que tais contextos podem albergar.

Assim, e contra uma forma *fechada* e *truncada* de encarar a realidade social destes contextos e de um ponto de vista que pode e deve ser mobilizado não só pela investigação académica e pelas estratégias e programas de intervenção territorial mas que deveria, progressivamente, incorporar quer o senso comum quer o próprio discurso mediático (para não dizer político-mediático), é necessário construir uma forma de olhar que acentue a importância de uma visão relacional destas situações sociais. Desde logo, uma tal visão relacional deve organizar o seu olhar partindo da vida quotidiana dos agentes sociais que vivem nestes bairros, consagrando a sua visão do mundo, e não esquecer aqueles elementos que, sendo há muito tidos como cruciais para a compreensão de uma determinada formação territorial, nas alturas devidas são inexplicavelmente apagados. Há que reter a história da implantação dos equipamentos habitacionais e espaciais, o modo de produção dos (re)alojamentos, bem como das transformações a que foram sujeitos, e acentuar a importância estrutural da relação pessoal com o mercado de trabalho e com a escola, para além do próprio modo como o espaço local e exterior é apropriado e vivido, atentando nas relações de vizinhança e nas representações sobre esta. A realização do inventário destes elementos pode responder de uma forma bem mais eficaz e verdadeira às interrogações sobre a origem dos problemas dos *bairros* - e dessa maneira contribuir para que as resoluções (necessárias) escapem à tentação das medidas *faceis* e *imediatas* que tudo resolvem no papel (e em algumas consciências) mas que raramente são capazes de um mínimo alcance prático. Por outro lado, o mesmo inventário será com grande probabilidade capaz de ir apresentando uma visão menos compacta e menos homogénea da realidade dos bairros. Encontrará, seguramente, muitos problemas mas poderá garantir respostas diferenciadas para situações e agentes sociais dotados de

diversidade. A diversidade (surpreendente) que normalmente escapa a quem vê os bairros apenas de uma só maneira...

*Virgílio Borges Pereira*, Sociólogo,  
Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do  
Porto